

## Temperamentos e qualidades anímicas dos jesuítas nos primórdios da Província jesuítica do Paraguay: Análise do Catálogo redigido por Diego de Torres Bollo (1614)

Temperamentos y cualidades de los jesuitas en los comienzos de la Provincia Jesuítica del Paraguay: Análisis del Catálogo escrito por Diego de Torres Bollo (1614)

Temperaments and qualities of the Jesuits at the beginning of the Jesuit Province of Paraguay: Analysis of the Catalogue written by Diego de Torres Bollo (1614)

Marina Massimi\* <https://orcid.org/0000-0001-9103-9960>

**Resumo:** O artigo analisa o Catálogo Trienal da recém constituída Província jesuítica do Paraguay redigido por Diego de Torres Bollo em 1614, focando a descrição de temperamentos e qualidades anímicas dos membros da Ordem pertencentes à essa província. Esses dados são comparados com outras fontes referentes a biografias e outros aspectos históricos que elucidam o significado e a função da avaliação realizada pelo provincial. O Catálogo de 1614 (e de modo geral os catálogos trienais) não é simples registro formal, mas responde à exigência de que a Companhia de Jesus presente num contexto missionário desafiador, seja um ‘corpo’ vivo e saudável nos aspectos espiritual, psíquico e somático, e como tal capaz de responder às necessidades do ambiente. Para isso, o ideal do equilíbrio do corpo social e espiritual da Companhia deve levar em conta a complexão, ou seja, o estado dos corpos físicos, visão presente nos inicianos, desde as origens.

**Palavras-chaves:** Diego de Torres Bollo; Catálogos trienais; temperamentos; qualidades psíquicas; Província do Paraguay.

**Referências espaciais e temporais:** Vice-Reino do Peru; Paraguay; século XVII.

---

\* Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. E-mail: [mmassimi3@yahoo.com](mailto:mmassimi3@yahoo.com)

**Resumen:** El artículo analiza el Catálogo Trienal de la recién constituida Provincia Jesuítica del Paraguay escrito por Diego de Torres Bollo en 1614, centrándose en la descripción de los temperamentos y cualidades de los miembros de la Orden pertenecientes a dicha provincia. Estos datos se comparan con otras fuentes referidas a biografías y otros aspectos históricos que dilucidan el significado y la función de la valoración realizada por el provincial. El Catálogo de 1614 (y los catálogos trienales en general) no es un mero registro formal, sino que responde a la necesidad de que la Compañía de Jesús, presente en un contexto misionero desafiante, sea un "cuerpo" vivo y sano en los aspectos, espiritual, psíquico y somático, y como tal, capaz de responder a las necesidades del entorno. Para ello, el ideal de equilibrar el cuerpo social y espiritual de la Compañía debe tener en cuenta la complejidad, es decir, el estado de los cuerpos físicos, una visión presente en los ignacianos desde el principio.

**Palabras clave:** Diego de Torres Bollo; catálogos trienales; temperamentos; cualidades psíquicas; Provincia de Paraguay.

**Referencias espaciales y temporales:** Virreinato del Perú; Paraguay; Siglo XVII.

**Abstract:** The article analyses the Triennial Catalogue of the newly constituted Jesuit Province of Paraguay written by Diego de Torres Bollo in 1614, focusing on the description of the temperaments and qualities of the members of the Order belonging to that province. These data are compared with other sources referring to biographies and other historical aspects that elucidate the meaning and function of the assessment made by the provincial. The 1614 Catalogue (and triennial catalogues in general) is not simply a formal record, but responds to the need for the Society of Jesus, present in a challenging missionary context, to be a living and healthy 'body' in the spiritual, psychic and somatic aspects, and as such capable of responding to the needs of the environment. To this end, the ideal of balancing the social and spiritual body of the Society must take into account the complexion, that is, the state of the physical bodies, a vision present in the Ignatians from the very beginning.

**Keywords:** Diego de Torres Bollo; triennial catalogues; temperaments; psychic qualities; Province of Paraguay.

**Spatial and temporal references:** Viceroyalty of Peru; Paraguay. 17th century.

**Recibido:** 27-02-2024. **Aceptado:** 21-03-2024. **Publicado:** 17-04-2024.

**Marina Massimi** possui graduação em Psicóloga - Università degli Studi di Padova (1979), mestrado em Psicologia (Psicologia Experimental) pela Universidade de São Paulo (1985) e doutorado em Psicologia (Psicologia Experimental) pela Universidade de São Paulo (1989). Professora titular aposentada da Universidade de São Paulo. Atualmente é Professora Senior do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo e lidera Grupo de Pesquisa "Tempo, Memória e Pertencimento" junto ao Instituto de Estudos Avançados. Tem experiência de pesquisa na área de história dos saberes psicológicos na cultura brasileira e saberes psicológicos dos jesuítas. Foi Presidente e sócia fundadora da Sociedade Brasileira de

História da Psicologia de 2013 a 2017. Membro da Academia Ambrosiana (Milão). Foi Co-editora da Revista Memorandum: Memória e História em Psicologia.

**Cómo citar:** Massimi, M. (2024). Temperamentos e qualidades anímicas dos jesuítas nos primórdios da Provincia jesuítica do Paraguay: Analise do Catálogo redigido por Diego de Torres Bollo (1614). *IHS. Antiguos Jesuitas en Iberoamérica*, 12, 1-25.. DOI: <https://doi.org/10.31057/2314.3908.v12.44796>



Obra protegida bajo Licencia Creative Commons Atribución: **No Comercial / Compartir Igual** (*by-nc-sa*) <https://revistas.unc.edu.ar/index.php/ihs/index>

## Introdução

O objeto do estudo é o Catálogo Trienal (em particular, o Primeiro e o Segundo) elaborado por Padre Diego de Torres Bollo em 1614, documento este que se encontra no Arquivo Romano da Companhia de Jesus<sup>1</sup>.

Foco central da análise serão as avaliações acerca da constituição psicossomática dos indivíduos presentes nas residências e colégios da Província do Paraguai, de que Torres Bollo foi o promotor e primeiro Provincial. Tais dados presentes no Catálogo segundo serão discutidos e comparado com os dados do Catálogo primeiro e com demais dados derivados de fontes jesuíticas.

O Catálogo Trienal de 1614 é composto por três partes, ou catálogos: o primeiro, o segundo e o terceiro, conforme a norma da Companhia que decretam que os *Catálogos* sejam organizados em três partes. O *Catálogo Primeiro* fornece informações acerca de cada jesuíta: nome, sobrenome, naturalidade, idade, estado de saúde, tempo de vida religiosa na Companhia, formação intelectual realizada, antes e depois do ingresso na Companhia, ministérios desenvolvidos e sua duração, graus obtidos e data dos votos definitivos. Neste Catálogo, a cada jesuíta é atribuído um número, correspondente ao nome. O *Catálogo Segundo* é reservado apenas à leitura do Provincial e do Padre Geral, e avalia o perfil psicossomático e as aptidões de cada um: é organizado por número, sendo omissos os nomes correspondentes, devido ao caráter reservado dos dados nele contidos. Por causa disso, é chamado também de “secreto”: trata-se de uma estratégia para ocultar os nomes citados, em caso de roubo, ou extravio do catálogo. Esse documento fornece informações acerca do perfil de cada jesuíta, de modo tal que poderíamos defini-lo numa linguagem atual, como uma espécie de perfil psicossomático dos indivíduos membros da Ordem. Com efeito, refere-se a vários aspectos psicológicos e comportamentais: o “engenho”, o “juízo”, a “prudência”, a “experiência”, o “talento”, a “compleição” (ou temperamento). Apesar de ser assinado pelo Padre Provincial, normalmente é redigido pelo superior local do Colégio, por ter conhecimento mais direto das pessoas.

O *Catálogo Terceiro* refere-se à situação material (numérica, econômica, etc..) das casas ou colégios da Companhia nas diversas Províncias.

As normas para a redação destes catálogos são fornecidas pela *Formula scribendi*, inserida já a partir de 1580 nas Regras da Companhia e que pode ser encontrada no Livro Terceiro dos *Institutum*, coletânea dos textos oficiais da Companhia de Jesus<sup>2</sup>.

O *Catalogus Primus Iuxta Formula Scribendi Anno 1614*, redigido por Torres Bollo é organizado por residências e categorias: número, nome, pátria, idade, forças, tempo de

---

\* Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. E-mail: [mmassimi3@yahoo.com](mailto:mmassimi3@yahoo.com)

<sup>1</sup> ARSI, Paraq, 4.I: 1610-1660. Os catálogos originalmente são em língua espanhola, traduzidos por nós em idioma português.

<sup>2</sup> (32). “In primo describantur omnes, quin suis Domibus vel Collegiis ac missionibus sunt, in quo contineatur uniuscumque nomen, cognomen, patria, aetas, vires, tempus Societatis studiorum, et ministeriorum quae exercuit, et gradus in litteris, si quos habet, et an Professorus, vel Coadiutor sit etc., et a quo tempore. (33). In secundo catalogo dotes et qualitates uniuscuiusque describantur, videlicet: ingenium, iudicium, prudentia, experientia rerum, profectus in litteris, naturalis complexio et ad quae Societatis ministeria talentum habeat; quae omnia diligenter, et Deo prius commendata, et mature considerata, et omni privato affectu semoto, sincere et breviter perstringenda erunt. Et utrumque catalogum ad suum Provinciale mittant.” (*Institutum*, 1893, 45).

Companhia, ministérios que exerceu, grau na Companhia. Nele, consta a distribuição dos missionários da província por Colégios e Residências: Colégio de Asunción (19); Casa do noviciado Córdoba (33); Colégio de São Thiago del Estero (6); Colégio de São Miguel (6); Residência de Buenos Aires (3); Residência de Santa Fé (2); Colégio de Chiles (37); Colégio de Mendonça (4); Residência da Companhia em suas missões (13). Segue depois a lista dos nomes dos jesuítas em ordem alfabética. No catálogo primeiro, o Provincial Torres Bollo fornece dados biográficos e referentes aos estudos e ao ofício ocupados por cada um na Companhia. Os membros são listados por Colégios ou Residências, antes os padres e depois os irmãos<sup>3</sup>. Existe também uma cópia redigida com melhor caligrafia do mesmo catálogo.

O catálogo segundo (fl. 20 a 23) é também de autoria de Diego de Torres Bollo; e tem também uma segunda cópia redigida com melhor caligrafia (de fl. 24 a 27). Este catálogo assume caráter peculiar por diferentes motivos. Em primeiro lugar, apesar de Torre Bollo declarar no título que o catálogo segundo fora elaborado *iuxta formula scribendi*, ele acaba por citar (indevidamente) o nome de cada jesuíta, quando, como vimos, por norma os nomes deveriam permanecer ocultos, cada membro devendo ser indicados apenas por um número correspondente àquele que consta no Catálogo Primeiro. Em segundo lugar, as categorias usadas para rotular os indivíduos seguem o padrão da redação do catálogo segundo (juízo, engenho, prudência, experiência das coisas, temperamento, talento), mas em vários pontos encontram-se formulações peculiares, através das quais Torres Bollo parece registrar *do seu jeito* a experiência de conhecimento direto de cada componente da Província, eludindo os rótulos de classificação normatizados. Na lista, cuja ordem não é alfabética, constam em primeiro lugar os padres e em segundo os irmãos.

O objetivo do presente estudo é reconstruir os traços do perfil de cada jesuíta da Província assim como retratado pelo Provincial, especialmente no que diz respeito à “complexão”, mas também as relações entre qualidades intelectuais e morais, talentos e funções desempenhadas no corpo da Companhia. Serão evidenciadas também as formulações peculiarmente usadas por Torres Bollo. Para o entendimento do documento objeto da investigação, será importante o aprofundamento prévio do significado dos termos empregados e da função dos Catálogos trienais, especialmente o catálogo segundo.

## Os catálogos e sua função na Companhia de Jesus

A estrutura dos *Catálogos Segundos* empregados na Companhia de Jesus ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII para descrever e ordenar os membros da ordem religiosa nas diversas comunidades espalhadas pelo mundo e entre si articuladas (que serão objetos do capítulo segundo deste livro) deve ser entendida dentro de um universo conceptual marcado pela tradição aristotélico tomista e pela medicina humoralista hipocrático galênica (Massimi, 2023). A ordenação da vida (entendida como vida corporal, anímica e espiritual) ao seu fim último, e de cada um ao Corpo (nas suas dimensões de corpo eclesial, social, político e místico, – ideal fundante da Companhia de Jesus – encontra nessas tradições de pensamentos e de práticas um instrumento poderoso para se atuar. Dessas tradições, derivam as categorias

---

<sup>3</sup> Apesar de ser assinado pelo Padre Provincial, normalmente os catálogos eram redigidos pelo superior local do Colégio. Todavia, acreditamos que no caso da nova Província, o autor da redação tenha sido o próprio Diego de Torres Bollo.

empregadas nos Catálogos Segundos, as quais buscam compendiar as informações acerca do perfil de cada jesuíta (poderíamos defini-lo numa linguagem atual como uma espécie de perfil psicossomático) indicando diversos aspectos psicológicos e comportamentais: o “engenho”, o “juízo”, a “prudência”, a “experiência”, o “talento”, a “compleição” (ou temperamento). A escolha de usar essas categorias não depende da decisão de cada redator, mas obedece a uma precisa normativa.

Como já dito, as normas para a redação destes catálogos são fornecidas pela *Formula scribendi*, inserida já desde 1580 nas Regras da Companhia, no Livro Terceiro dos *Institutum*, coletânea dos textos oficiais da Companhia de Jesus, citadas na nota acima (nota 2). A atenção ao valor das diferenças individuais e as diversas distribuição nos corpos e mentes de cada um, de qualidades comuns, norteia a composição dessa fórmula.

A função dos catálogos não é de um simples registro, mas também de auxílio para os superiores quanto à melhor distribuição das funções entre os membros da Companhia, num determinado contexto de vida e de missão. As *Constituições* da Companhia atribuem ao Padre Geral a tarefa de distribuir as funções de maior responsabilidade em conformidade aos talentos<sup>4</sup>. Todavia, segundo Inácio, a relação entre disposição individual, função no organismo social e exigências do ambiente missionário, devia ser avaliada com muito cuidado, à luz do ideal do equilíbrio.

Ribadaneyra (1610), no capítulo da biografia de Inácio referente ao governo dos noviços, ressalta a atenção especial dada por ele à distribuição das funções entre os membros da Ordem: “Se via que alguém era bom para un ofício (...), mas o ofício não era bom para ele, porque iría se perder, ou correr perigo, o exonerava daquele ofício, antepoando a saúde e o bem de seu súdito ao fruto que, naquele ofício, poderia fazer (Ribadaneyra, 1610, p. 622, trad. nossa). O biógrafo insiste também acerca da importância que, aos olhos de Inácio, assumiam qualidades como a experiência das coisas, o empenho e a dedicação ao trabalho: “Dizia que quem não era bom para o mundo tampouco seria bom para a Companhia” (Ribadaneyra, 1610, 611, trad. nossa).

A nona parte das *Constituições* descreve as atribuições e qualidades específicas exigidas para o exercício de cada ministério. Quem tem o cargo do governo, por exemplo, deve possuir grande caridade, respeito, lealdade e sinceridade; deve ser responsável e capaz de assumir decisões, ser corajoso e perseverante; deve ter a prudência necessária ao exame da circunstância, a capacidade de educar os jovens, a firmeza paterna e, sobretudo, o dom do discernimento. Por isto, deve ser livre de afetos desordenados, assíduo à oração e dócil à vontade divina, conhecer profundamente o modo de vida jesuítico e ser capaz de expressar a todos seu ponto de vista. O pregador deve ter bom domínio da língua e dispor de todos os meios úteis ao ministério, ou seja, o conhecimento da arte retórica, das lições de pregadores experientes, o exercício da pregação no colégio ou, junto aos mosteiros e as paróquias, o auxílio de um bom mestre que corrija seus defeitos no que diz respeito aos conteúdos, a voz, o tom, os gestos, os modos de pôr-se.

---

<sup>4</sup> Ao Padre Provincial cabe escolher o preposto, o mestre de noviços, os responsáveis dos serviços materiais, os confessores, os consultores, os pregadores e os docentes (*Institutum* II, 1893, 79). Quando o superior percebe que um dos membros tem talento para o governo, deve cuidar especialmente de sua formação, notificando-o ao Padre Geral (*Institutum*, II).

Deste modo, ordenada conforme uma estrutura hierárquica de funções – desde o Padre Geral, ao cozinheiro e ao enfermeiro - a Companhia de Jesus constitui-se num organismo material, anímico e espiritual, ou seja, um corpo no sentido pleno e integral do termo. Deste corpo anímico e espiritual, os Catálogos são registros e ao mesmo tempo instrumento, expressão e articulação, representação e modo de composição.

Não apenas as *Constituições* como também a psicologia filosófica e as teorias médicas da época, ajudam a esclarecer a significação atribuída às categorias mencionadas na Formula, as “*qualitates*”.

“*Ingenium, iudicium, prudentia, experientia rerum*”: os conceitos de engenho, juízo, prudência, experiência das coisas, são empregados na filosofia aristotélico-tomista, especialmente na *Ética a Nicômaco*, texto aristotélico amplamente retomado no Ocidente nos séculos XVI e XVII, e integram o conjunto das potências psíquicas superiores referentes às operações cognitivas.

“*Naturalis complexio*”: o rotulo complexão natural é derivado da tradição médica humoralista, de origem grega e romana, transmitida e apropriada pela cultura medieval e renascentista de várias formas e segundo diversas interpretações<sup>5</sup>. A partir do século 400 a C, a doutrina filosófica dos quatro elementos do cosmo foi aplicada a quatro substâncias empiricamente encontradas pelos médicos no corpo humano como fruto do metabolismo: os humores. A doutrina disso resultante encontra-se consolidada num texto anônimo escrito em grego *Acerca da natureza do homem*, que compõe num sistema único a patologia humoral e a cosmologia filosófica de Empédocles. A teoria assinala a existência no corpo humano de quatro humores compostos pelos quatro elementos da natureza: sangue (ar); bÍlis amarela (fogo); bÍlis preta (terra); fleuma (água). A saúde perfeita é o equilíbrio entre eles, podendo este ideal ser alcançado apenas por aproximações. Com efeito, é a prevalência de um, ou outro humor, o fator determinante da constituição de cada pessoa, bem como de sua predisposição para tipos específicos de enfermidades. A configuração e composição humoral do organismo é também tida como responsável pelas qualidades psíquicas do indivíduo (temperamento). Dentre os humores, o sangue é o único essencial e benéfico ao corpo humano: desse modo, a prevalência do sangue é considerada como sendo a disposição mais saudável (*complexio temperata*).

No século XVI, deve-se ao médico espanhol e docente da Universidade de Alcalá, Juan Huarte de San Juan (1529-1588), o estabelecimento, no modelo da *República* platônica, de correlações entre as qualidades de engenho, juízo, prudência, a estrutura temperamental dos indivíduos, os talentos individuais e a organização política das funções. No *Examen de Ingenios para las ciencias* redigido em 1575 (1989), Huarte retoma a teoria humoralista na perspectiva de um dos princípios básicos da medicina hipocratico-galenica: a relação entre saúde do corpo individual e do corpo político, com o objetivo de contribuir para a melhoria da república, através da utilização racional de seus “engenhos”, levando em conta o perfil fisiológico e temperamental dos membros do corpo social. O capítulo quinto do *Examen* aborda a importância do temperamento para a formação e o desenvolvimento das qualidades morais da pessoa. Segundo Huarte, cada um ocupa na sociedade um lugar indicado pela natureza que deve ser descoberto pelo discernimento, estudo e descrição das disposições naturais individuais. O autor parte do pressuposto de que certo desequilíbrio dos temperamentos é o

<sup>5</sup> Veja-se a respeito Klibansky, Panofsky, Saxl (1983).

estado normal dos indivíduos e também da sociedade. O conhecimento desta condição é importante para restabelecer o equilíbrio através dos cuidados médicos, dos hábitos morais, do exercício das artes e das ciências e também da prática política. O temperamento de cada indivíduo indica as particulares predisposições e talentos que ele possui para certa arte, ou ciência. Tal concepção organicista da sociedade (macrocosmo), concebida em analogia com o corpo humano (microcosmo), justifica a fundamentação da prática social e política na filosofia natural e na medicina, de modo a adaptar a “enfermidade” (o destempero) de cada membro em função do bom funcionamento do conjunto. Huarte distingue três níveis de engenhos: os que somente conseguem compreender matérias e questões fáceis e claras; os que alcançam o entendimento de todas as matérias e questões; os que são tão perfeitos que não precisam de mestres para aprender. O indivíduo é caracterizado não somente pela complexão e pelo engenho, mas também por um conjunto de potências psíquicas tais como a *vis* imaginativa, o entendimento, a memória, os apetites (concupiscível e irascível), todas elas cooperando para o funcionamento do organismo psicossomático e devendo ser levadas em conta para uma ajustada integração entre microcosmo e macrocosmo. A cada uma das potências anímicas correspondem grupos de atitudes, saberes e profissões. O tratado de Huarte inspirará um gênero de literatura difundida nos séculos XVII e XVIII que enfatiza a relação entre a caracterização psicológica dos povos e dos indivíduos e a necessidade da adaptação ao Estado e às comunidades. É plausível que o texto de Huarte foi conhecido e difundido junto à Companhia de Jesus e tenha diretamente influenciado a composição da estrutura dos Catálogos cujo escopo era justamente a melhoria e eficiência do corpo social constituído pela comunidade dos religiosos.

Cabe também observar que a teoria dos temperamentos foi interpretada pelos filósofos jesuítas na perspectiva aristotélico-tomista. Nos tratados filosóficos por eles elaborados, o conhecimento do temperamento é considerado com parte do estudo da alma (“anima”). Defende essa posição Pedro Gomez, vice - provincial da Companhia no Japão, autor de um *Breve Compendium eorum quae ab Aristotele in tribus libris de Anima et in Parvis Naturalis dicta sunt* (1593) destinado ao uso das missões no Japão<sup>6</sup>. Análoga visão encontra-se em *Commentarii Conimbricensis Societatis Iesu In Tres Libros de Anima* (1602)<sup>7</sup>, elaborados no Colégio da Companhia de Coimbra.

Os comentários aos *Parva Naturalia* reservam amplo espaço à questão dos temperamentos. Os *Commentarii Collegii Conimbricensis Societatis Iesu, In Libro de Generatione et Corruptione Aristotelis Stagiritae nunc recens omni diligentia recogniti et emendati*, (1607)<sup>8</sup>, discutem as teorias dos médicos e dos filósofos acerca da diversidade dos temperamentos: *Temperamentorum differentiae quae et quales sint*. Entre outros, são citados Galeno, Averrois, Avicena. A primeira diferença a ser estabelecida é entre o temperamento uniforme e o temperamento disforme: no temperamento uniforme, todas as quatro qualidades (calor e frio, úmido e secura) estão presentes em igual proporção. Todavia, trata-se de uma condição muito rara, dada a imperfeição do ser humano. Portanto, o temperamento mais comum é o disforme onde não há distribuição equilibrada das quatro qualidades. Entre os temperamentos disformes, há quatro tipos: o temperamento colérico (prevalência de calor e secura), o temperamento sanguíneo, (prevalência de calor e úmido), o temperamento fleumático

<sup>6</sup> Manuscrito n. 426, Reg. Lat. da Biblioteca Apostólica Vaticana, 134 folhas, capítulo 9.

<sup>7</sup> Livro I capítulo I.

<sup>8</sup> Livro II, capítulo VIII, Quaestio I, articulo II, 661-664.

(excesso de frio e úmido), o temperamento melancólico (predominância de frio e secura). A partir destes quatro tipos, existe também uma grande variedade de combinações, conforme a prevalência das quatro qualidades. Por exemplo: quando no temperamento colérico predomina a secura, tem-se o temperamento colérico-melancólico; quando predomina o calor, tem-se o temperamento colérico-sanguíneo. Os autores jesuítas de Coimbra alertam também acerca do fato de que uma pessoa possa não conservar, ao longo de sua existência, o temperamento que herdou de seus pais, devido às mudanças internas (idades da vida, regime de vida, alimentação, doenças), ou externas ao próprio organismo (clima, local geográfico). De fato, nos Catálogos observa-se que um mesmo indivíduo ao longo do tempo acaba por ser rotulado de modos diferentes, mudando de colérico para fleumático, por exemplo.

Ainda segundo o Comentário Conimbricense *In Libro de Generatione et Corruptione*, há tipos de temperamento que são mais propícios à excelência das qualidades intelectuais, como o engenho e à perspicácia da mente<sup>9</sup>. Na resposta a esta questão os comentaristas divergem de Aristóteles: apesar de o humor melancólico ter sido considerado por ele, nos *Problemata* (XXX) o mais favorável para o desenvolvimento das atividades intelectuais, os jesuítas indicam como melhor temperamento o colérico-melancólico. A justificativa fornecida é que a constituição colérica favorece o empenho e a velocidade da ação e da percepção e que o calor do componente colérico tempera os efeitos negativos da atrabilis preta. É plausível que pese nisto o fato de que foram rotuladas como coléricas as duas figuras exemplares da Companhia, Inácio de Loyola e Francisco Xavier. Com efeito, as biografias dos jesuítas ilustres incluem também a descrição dos temperamentos e apontam pelo fato de que o próprio Inácio de Loyola teria um temperamento colérico (Blecua, 1991; García Mateo, 1991); o mesmo é dito de outra figura marcante, Francisco Xavier, o modelo ideal dos missionários da Companhia<sup>10</sup>.

Outro aspecto importante que assinala a particularidade da visão conimbricense acerca dos temperamentos e que terá uma direta influência na redação dos Catálogos segundos, é a recusa da teoria da determinação absoluta das diferenças individuais pelos fatores humorais. Neste ponto, os jesuítas distanciam-se da tradição galênica ortodoxa, frisando o papel da responsabilidade do sujeito no que diz respeito ao aperfeiçoamento, ou a correção de suas inclinações. O exercício das virtudes (entre elas, a mais jesuítica da obediência), pode moderar o influxo dos humores e, portanto, modificar o temperamento, sendo esta possibilidade evidenciada na escrita dos catálogos.

Quanto às qualidades intelectuais e morais usadas nos catálogos segundos (engenho, entendimento, juízo, prudência e experiência das coisas), elas assumem grande importância na indicação da função a ser exercida por cada membro, no corpo da Companhia e de suas atividades missionárias. Trata-se de termos empregados na literatura jesuítica desde as origens. Nos escritos do Inácio encontramos o uso frequente do termo espanhol “*entendimiento*”, para indicar a capacidade de pensar e a capacidade de julgar (Calveras, 1958, 426). A importância da qualidade do engenho é evidenciada nas Constituições da Companhia: ao descrever as regras para o exame geral de admissão, afirma-se que um defeito na qualidade do engenho constitui-se motivo para recusar a admissão na Ordem: “*ingenii defectus est*

---

<sup>9</sup> Livro II, capítulo VIII, Quaestio III: *Quodnam temperamentum ad excellentiam ingenii et mentis perspicaciam magis idoneum sit*, 1607, 685-691.

<sup>10</sup> A respeito, se veja: Teixeira (1899); García Mateo (1991); Blecua (1991).

*impedimentum secundarium ad Societatem*” (*Examen c.5, n.3, II, 17*). De fato, possuir um bom engenho é tido como necessário para a atuação de um jesuíta já que a esta característica são associados ministérios essenciais da Ordem, tais como o do governo, da oratória, do estudo e do ensino<sup>11</sup>. A relação entre engenho, arte da retórica e ofício do pregador é assinalada pelo mestre jesuíta português Cipriano Soares, cujo manual de retórica – baseado em Aristóteles, Cícero, Quintiliano – constituiu-se em fonte básica para a formação dos pregadores nos colégios da Companhia<sup>12</sup>.

Na literatura jesuítica podem ser evidenciadas também as relações entre as qualidades e a complexão, cuja associação é presente nos Catálogos. No caso do engenho, por exemplo, Manuel de Góis, no *Comentário Conimbricense* (1602)<sup>13</sup> ao *De anima* de Aristóteles, discute qual temperamento seja mais conveniente para um bom *ingenium*. Para refutar a tese aristotélica de que a maciez da carne do corpo predisporia ao bom engenho (por proporcionar a acuidade do sentido do tacto), Góis propõe evidências contrárias: por exemplo, o fato de que os temperamentos fleumáticos dotados de carnes moles são menos inteligentes do que os coléricos e os melancólicos cujas carnes são mais duras<sup>14</sup>. Neste contexto, Góis estabelece um nexa entre engenho e entendimento: o primeiro derivaria da facilidade e da prontidão do segundo: “*a phantasia, mentis in intelligendo facilitas, et promptitudo, in qua vis ingenii consistit*” (1602, 216).

Uma vez esclarecida a natureza dos catálogos trienais e dos termos neles utilizados e sua função na Companhia de Jesus, pode-se agora proceder para a análise do catálogo da nova Província do Paraguai elaborado em 1614 por Diego de Torres Bollo.

---

<sup>11</sup> Um importante nexa entre a qualidade do engenho e as funções de um jesuíta no âmbito da Companhia é estabelecido nos *Decreta Congregationis VII* elaborados pelo Padre Geral Múzio Vitelleschi, onde se afirma: “*Ad Theologiam vero scholasticam audiendam nemo admittatur, qui mediocritatem in Philosophia non superaverit, ut nimirum eam cum satisfactione tueri possit; nisi praeclara ad gubernandum auct concionandum talenta in mediocri quoppiam aliud viderentur exigere, nulla Provinciali dispensandi cum quoquam facultate relictis*” (*Institutum*, 1893, I, 328).

<sup>12</sup> Soares, 1569, especialmente cap. 8 lib.1: Quibus rebus eloquentia comparetur, ac primum de natura, 13/14.

<sup>13</sup> Góis, *Comm De Anima* no Livro II (artículo III, 71 e 72).

<sup>14</sup> “*Optima vero temperies, et phantasia organum aptius, et ipsam phantasiam expeditiorem reddit: Deinde a phantasia, mentis in intelligendo facilitas, et promptitudo, in qua vis ingenii consistit, ut alibi exponuimus, magnopere dependet. Quo sit ut temperamenti bonitas tanquam causa materialis, et dispositiva ad excellentiam ingenii concurrat. Hinc ea, quae ex optimo temperamento proveniunt subtilioris ingenii, sunt indicia, ut color viurdus, subtilitas pilorum, tenuitas unguurum, mollitudo carnis. Et haec quidem mollitudo, cuius hic Aristoteles privatim meminit, eo etiam ingenium iuvat, quia dispergit, soluitque inutilia rectementa, quibus pulsus, spiritus, quos sanguine incalentescenti, cor exhalat, subtiliores manent, et tam maiori alacritate as potentiarum obsequium accurrunt: unde et phantasmata puriora, ac defecatoria contingunt. His non obstat quod foeminis molior caro, in est, quam vitis; et tamen hi ordinarie, ut iudicio, ita et ingenio illis praestant. Nec quod phlegmatici. Qui hebetiores sunt cholericis, teneriorem cutem habent. Non enim mollitudo ex aqueo et pituoso humore orta, qualis est in foeminis et phlegmaticis; sed aëria, comes est bono ingenii. Nec item officit Aristoteles in problemata sect 30 quaest. 1, scripsit omnes ingeniosos fuisse melancholicos; cum tamen atrabilis, ut sicca frigidaque est; ita corpus non molle, sed durum, terreumque; efficere videatur: id enim Qua ratione acceperundum sit, ex professo ostendimus lib2 de ortu et interitu*”. (Góis, 1602, 216).

## A composição dos corpos e do corpo da Companhia em Missão na Província

Na leitura do catálogo segundo da Província do Paraguai de 1614, observa-se a prevalência de temperamentos coléricos, ao todo vinte e cinco, em consonância com resultados obtidos em outras pesquisas referentes aos catálogos do Brasil (Massimi, 2000; Massimi, 2010)<sup>15</sup>. Poucos são os melancólicos (ao todo oito) e os fleumáticos (dois). Mas aparecem alguns temperamentos mistos, colérico-melancólicos (cinco) que, como já dito, são apreciados pelos inicianos. Bem vinte e quatro indivíduos são rotulados como sendo de “condição boa”, ou “aprazível”, ou “bem condicionados”. Em suma, o ‘corpo’ jesuítico da Província parece composto por indivíduos seletos. De fato, muitos entre os nomes presentes nesse catálogo são personagens de relevo na história missionária na região, distintos pela dedicação e empenho social, pela coragem, pela força construtiva, pela capacidade de enfrentar com inteligência e clarividência os desafios enormes de viver em ambientes geográfica e antropologicamente desafiadores.

Conforme a ótica acima descrita que norteava o emprego das categorias referentes à complexão no universo jesuítico, Torres Bollo estabelece nexos entre certo tipo de temperamento e a função do governo no âmbito da Companhia, assinalando por exemplo que um colérico pode incorrer em dificuldade nessa função.

Todavia, em consonância com quanto afirmado pelos Conimbricenses, o provincial evidencia que não há uma determinação mecânica entre temperamento e comportamento: de fato, o exercício da virtude pode levar à moderação da cólera. Torres Bollo emprega os termos mortificação, moderação, remissão, para referir-se ao controle virtuoso das predisposições psicossomáticas.

Este exercício sempre é possível, mesmo nos casos em que o sujeito seja muito colérico como era Vincenzo Griffi. Esse missionário italiano, nascido em 1575 na cidade de Benevento era entrado na Companhia de Jesus em Nápoles em 23 de novembro de 1599. Após ter enviado dessa cidade uma *indipeta* em 23 de novembro de 1602 solicitando o envio em missão<sup>16</sup>, chegou na Província do Paraguai aos 29 de novembro de 1607 e atuou na localidade de San Salvador de Jujuy. Em 1621, passou para a ordem dos Franciscanos (Storni, 1980, 128). Nos Catálogos de 1614, de Padre Vicente Griffi (fl. 12, n 8) se diz que reside no Colégio de Asunción, tem 36 anos de idade, boas forças físicas, já cursou três anos de artes e dois de teologia. No Catálogo segundo (fl. 20v), Griffi é rotulado como tendo “bom engenho, juízo, prudência e experiência das coisas”, “bom talento para os ministérios da Companhia, como a pregação”, “moderada capacidade para o governo”, “muito dedicado aos índios e bom religioso”. Nesse Catálogo, Torres Bollo avalia que Griffi é “bem colérico apesar de que capaz de corrigir-se”. Torres Bollo conhecia bem esse jesuíta, amplamente citado nas suas Cartas Anuas (Leonhardt, 1927): dele elogia as intensas atividades missionárias junto aos nativos,

---

<sup>15</sup> Nesses estudos, emerge que o perfil ideal para a atividade missionária no Brasil quanto ao temperamento é o “colérico”, também nas combinações de “colérico sanguíneo”, ou o “colérico melancólico”. Dentre os 163 jesuítas presentes no Brasil no ano de 1598, no “*Secundus Catalogus*” elaborado por Pedro Rodrigues, observa-se a prevalência quantitativamente significativa de “coléricos”. Dos 163 sujeitos, 103 são definidos como “coléricos”, 3 como “coléricos adustos”, 18 como “coléricos-sanguíneos”, 18 como “colérico-melancólicos. O excesso do humor da cólera predispõe o indivíduo à ação, ao heroísmo, a enfrentar circunstâncias árduas - tão frequentes no contexto cotidiano da terra de Santa Cruz

<sup>16</sup> ARSI, FG 733, n. 182.

inclusive em tempos dramáticos como os das epidemias. O grande empenho e os gravíssimos desafios da ação missionária são evidentes nas palavras que Vincenzo Griffi escreve em carta enviada a Torres Bollo e citada na Carta Anua de 1611: “a enfermidade foi tão grande que as casas dos índios eram hospedais (506; 1611 [28]). E o que me afligia, e com razão, era que não tinha mais o que dar-lhe para comer, porque o maior estoque que tinha era uma espiga ou duas de milho que nem um pão nós tínhamos. E não paramos nem de noite nem de dia, visitando-os e ajudando-os como podíamos, seja porque a pobreza destes índios é grande, e em março estava a doença em seu pico e o frio era grande. Nós lhes buscávamos madeira para que lhes fizessem luz e se esquentassem de noite. E aos mais necessitados prestávamos nossos cobertores”. Sem dúvida, o temperamento colérico de Griffi favorecia sua capacidade de empreender ações, tomar decisões, assumir riscos, ser incansável nas práticas de cuidado, em contextos tão difíceis. Ao mesmo tempo, a conduta virtuosa de moderar os excessos da cólera o habilitava à paciência, à escuta e à partilha.

Na perspectiva do redator do Catálogo, se, pelo contrário, não houver exercício da virtude baseada no conhecimento e no domínio de si mesmo, a impaciência poderia moldar os relacionamentos com os subalternos, de modo que o sujeito, “chega a ser pouco amado pelos súditos”, como eram os casos de Padre Gaspar de Morro (fl.20) e Padre Maciel Lorenzana (fl.20).

O temperamento pode também ser associado ao caráter: por exemplo, Giuseppe Cataldini, o missionário nativo da Marca de Fabriano, na Itália, é indicado como “colérico e teimoso” (fl. 20v). Além disso, Torres Bollo o descreve como possuidor de “razoável engenho, juízo, prudência e experiência das coisas, razoável aproveitamento nas letras” (20v). Cataldini tem um grande carisma missionário, como desde o catálogo de 1614 transparece nas palavras do Provincial que lhe atribui também “bom talento para os ministérios da Companhia” e diz dele ser “muito bom missionário junto aos índios e de muita confiança”, “bom religioso”. Tem quarenta e três anos de idade, tem boas forças, e reside no colégio de Asunción. Tendo já atuado como “missionário de espanhóis e índios e pregador” (12 n. 4), foi enviado junto com outro italiano, Simão Mascetta, em 1612, para empreender uma primeira viagem exploratória em busca de populações indígenas e de territórios onde estabelecer os primeiros núcleos do projeto reducional formulado por Torres Bollo e Alfaro<sup>17</sup>. Como o próprio Torres Bollo relata na Carta Anua de 1611<sup>18</sup>, inicialmente Cataldini e seu companheiro dedicaram sete meses a missões junto dos colonos espanhóis em Maracayú, acabaram adoecendo e uma vez restabelecidos, voltaram a pregar nas regiões de Guayrá e na Vila Rica de

---

<sup>17</sup> No Memorial de 1603, escrito durante sua estada na Espanha, em defesa dos nativos, dirigido ao Presidente do Conselho das Índias, Dom Pedro Fernández de Castro, e publicado em Valladolid em dezembro de 1603, Torres Bollo realiza uma síntese da experiência acumulada nas missões latino-americanas que o leva também a uma forte denúncia dos abusos contra os nativos e lhe inspira a formulação de uma proposta concreta sobre como evitá-los. Com base nisto, Torres Bollo conseguiu obter da Coroa da Espanha um espaço de autonomia política, jurídica e econômica nos territórios da colônia, onde uma convivência entre grupos de nativos e missionários pudesse ocorrer. Para isso, ele também contou com a colaboração do jurista espanhol Francisco de Alfaro (1551-1644), que elaborou uma legislação específica para ordenar a vida das Reduções. As Ordenanzas (1612) de Alfaro e as Instruções (1610) de Torres Bollo regulamentaram o ritmo da vida cotidiana, o trabalho indígena e o relacionamento entre as comunidades nativas e o Estado espanhol. Os índios foram reconhecidos como pessoas jurídicas, como súditos da Coroa espanhola, a quem deviam pagar impostos, podendo se beneficiar da renda de seu trabalho (como alternativa ao sistema de *encomiendas*).

<sup>18</sup> Carta Anua da Provincia de Paraguay, Chile e Tucuman, enviada de Torres Bollo de Santiago do Chile onde se relaciona o que aconteceu na Provincia no ano de 1612 (Leonhardt, 1927, 494 e ss.).

Espirito Santo, para “populações de espanhóis” com “grandes dificuldades nas consciências e na conversão a Deus”, “peitos endurecidos na liberdade da carne e nos maus tratos e agrados contra os índios, a quem tinham imposto um rigoroso serviço pessoal” na colheita da erva mate. A cólera e a teimosia de Cataldini foram, portanto, aspectos temperamentais necessários para enfrentar semelhantes desafios. E seriam atributos ainda mais necessários, diante do desafio que se lhes apresentara a seguir: a missão junto aos índios e a busca de territórios onde fundar as primeiras reduções. Assim, Cataldini e Mascetta, uma vez chegados à “região da Tibajida, subiram rio acima, onde saíram ao seu encontro muitos índios de diversas nações em suas canoas”. Diante da insistência dos caciques para que visitasse logo as suas terras, conseguiram convence-los de adiar a visita e “foram buscando pelo rio as maiores e mais espaçosas terras”. Cataldini e Mascetta demonstraram firmeza ao recusar o primeiro convite recebido pelos índios e determinação para perseguir o propósito da fundação das reduções conforme as instruções do Provincial. Uma vez encontradas “na parte alta, tomaram assento em Pirapó (...) porque até Pirapó pode se vir de canoa e balsa muito segura e sem risco, pelos recifes e saltos do rio”. (Leonhardt, 1927, 495). De lá, “enviaram a chamar os índios vizinhos para que viessem povoar ali” e “no fim do primeiro assentamento e acordo, trocaram a palavra e deram seu nome para fazer dos povos, um só”. Assim nasceu a primeira redução que será dedicada à Nossa Senhora de Loreto, orago do santuário mariano próximo à cidade de origem de Cataldini onde ele tinha servido nos primeiros anos de sacerdócio. Desde o início, o empreendimento foi audacioso, pois “no mesmo Pirapó” foram reunidos “três mil índios, que contados com suas mulheres e filhos de três turmas a seis, cada casa, são dezoito mil almas. E logo pelo rio acima como oito léguas, se deveria povoar outro povoado de outros dois mil índios, que será de 12 mil almas”, a futura redução de Santo Inácio. Torres Bollo ainda se refere aos “trabalhos que padecem nossos padres por estarem em terra tão destituída do necessário”. A sobrevivência era difícil no meio de florestas e em territórios inacessíveis cheios de perigos de todos os tipos (cobras venenosas, animais ferozes, tempestades naturais, violência por parte de índios e espanhóis inimigos e de bandeirantes e, sobretudo, falta de alimentos). De fato, quando os outros companheiros juntaram-se a eles, o espanhol Martin Urtazun e o peruano Antônio Ruiz Montoya, o primeiro sucumbiu à fome. Quando Montoya juntou-se a eles, os descreveu em uma carta: “Eles eram pobres, mas cheios de alegria. Os remendos em suas roupas eram indistinguíveis do material principal; seus sapatos eram remendados com pedaços de tecido que cortavam da bainha da batina. Eu me considerava feliz por me ver em sua companhia”. Em sua casa, “a escassez era tão grande que não tinham nada a oferecer além de algumas batatas, algumas bananas e raízes de mandioca, que eram seu sustento comum, sem ter provado carne, vinho, pão e sal por dois anos, exceto por algumas vezes quando os índios lhes davam caça como esmola” (Leonhardt, 1927, 520).

Esses relatos da vida missionária evidenciam o valor das informações acerca do perfil psicossomático dos jesuítas missionários contidas no catálogo, uteis para orientar os superiores na distribuição das tarefas a serem realizadas. A cólera e a teimosia de Giuseppe Cataldini foram qualidades importantes para a adaptação a ambientes tão árduos e novos. Alguns anos mais tarde, ele mesmo escreve uma carta ao novo Provincial, Pedro de Oñate o qual a transcreve na sua Anua, de 22 de abril de 1618 (Leonhardt, 1929, 147). O relato confirma a avaliação expressa por Torres Bollo nos Catálogos, acerca das qualidades de Cataldini: “muito bom missionário junto aos índios e de muita confiança” e “bom religioso:

Aqui somos três, sozinhos e divididos em nossos corpos, mas muito unidos pela caridade e ansiosos pela salvação de nossos irmãos. E como o principal meio é nossa

própria jornada espiritual, tentamos, tanto quanto possível, observar as regras de nosso instituto: exercícios espirituais, lições, orações, exames e conferências todas as sextas-feiras em que podemos nos encontrar. (...) Nosso modo de vida causou admiração em muitos, e não menos curiosidade em outros para entendê-lo.

Cataldini narra as enormes dificuldades e a exigência de grande adaptação às situações adversas que chegam até a ameaçar a sobrevivência:

Quanto à vida temporal, parece que os sete anos de esterilidade que levaram um bom companheiro, o padre Martin Urtasu, e nós três que estávamos muito perto de segui-lo por causa das grandes doenças que tivemos devido ao trabalho contínuo e excessivo e à falta de suprimentos, estão passando. Quase sempre nos falta o que é necessário para a vida, sem pão, carne, vinho ou sal, nem nada com que cobrir o corpo; e as raízes são o sustento comum, mas sem substância ou suco, que prolongam a morte em vez de aumentar a saúde.

Quando Cataldini escreve a carta, a situação narrada já faz parte do passado (“os sete anos de esterilidade...estão passando”). Certamente, atravessá-la foi possível também pela posse de uma complexão adaptável, como vimos ser a colérica.

De Padre Pedro Romero, o *Catálogo Primeiro* (12 v, n; 6) informa que reside junto ao Colégio de Asunción, nativo de Sevilla e tem 28 anos de idade. Apesar de jovem (entrou na Companhia aos 7 de março de 1607), já é “obreiro de índios” e “Superior de missões”. No *Catálogo Segundo* (fl. 22) é descrito como de “boa condição, apesar de algo colérico”. Além disso, é dotado de “bom engenho, juízo e prudência; experiência das coisas moderada”. Tem competência nos “casos de consciência”; é “bom confessor” e possui “talento para ministério”. Já demonstrou de ser “muito bom missionário de índios” e “bom religioso”. Em 1646, Pedro Romero será martirizado pelos índios Itatines. Nas cartas anuais de Torres Bollo e de Pedro Oñate, se elogia o grande “zelo” pelos nativos de Romero. Posteriormente, Oñate, na carta Anua de 1615, se referirá ao enorme esforço de Pedro Romero quanto à aprendizagem “da língua destes índios”, que “é dificultosíssima e particular e para aprendê-la é necessário saber antes da língua geral do Paraguai”. O novo Provincial afirma que Romero e seu companheiro, Antônio Moranta, são

tão zelosos do Divino Serviço e da salvação daquelas pobres almas, que não somente têm vencido as muitas dificuldades que existem para isto, mas também estão no meio delas com grande consolo e alegria, e apesar de ter perdido nesta empresa grande parte de sua saúde e estando enfermos, tem feito ao meu predecessor e a mim tanta instância para que não os tiremos daquele lugar de modo que foi necessário conceder-lhes isto. Eu recebi cordialíssimo consolo ao ver estes padres e neles um retrato dos primeiros que foram para o Japão ou de Prestes João; e em ver aquela nação tão domesticada e tão sujeita aos Padres, que me causou notável admiração e deu matéria para louvar o Senhor.

Mais tarde, em outra carta, cita a missiva recebida por Romero aos 22 de novembro de 1619, em que este se alegra “pelo fato de Deus ter aberto a porta da pregação do Santo evangelho numa gentildade tão distante e até agora não conhecida, onde se devem ganhar infinitas almas” e declara seu desejo missionário: “Eu queria ser o tambor e o anunciador. E ir por todas as Províncias de nossa Companhia e anunciar a quem quiser vir para esta nova e

gloriosa conquista, (...) aliás mais apostólica por ser mais distante e trabalhosa”. (Leonhardt, 1929, 220). O zelo missionário do colérico Pedro Romero encontrará seu desfecho no martírio.

Com efeito, dentre os vinte cinco coléricos rotulados por Torres Bollo, encontramos as figuras mais salientes dos inícios da história missionária da Província do Paraguai: além de Pedro Romero; os já citados Padres Maciel de Lorenzana, Giuseppe Cataldini, Vincenzo Griffi; Padre Juan Batista Ferrufino, o qual desempenhou importantes funções de governo; Padre Antônio Moranta incansável missionário junto aos guaranis e guaicurus e junto com Pedro Romero fundador da redução de Santa Maria os Reis.

As qualidades atribuídas ao temperamento colérico derivam da teoria do médico Claudio Galeno (1607, 131-200). Na tipologia dos temperamentos por ele delineada no tratado *Sobre as discrasias compostas*, os coléricos são retratados como dotados de sentidos agudos, propensos para a insônia, prontos para a ação, impetuosos, violentos, ferozes, rápidos, dispostos para comportamentos tirânicos e para a ira. Já no século XVI, o médico alemão Levinus Lemnio (1564), ou Lievin Lemmens retoma a tipologia galenica. Lemnio cita Galeno ao afirmar que, enquanto os indivíduos de temperamento sanguíneo são inconstantes e volúveis e por conseguintes pouco aptos para a vida religiosa, a perseverança e a diligência do animo procedem do humor bilioso, sendo que este humor determina a velocidade, o ímpeto e a inquietação, bem como a fluência do discurso. A concepção de Lemnio parece indicar o motivo de os temperamentos definidos como colérico-melancólico, ou colérico-sanguíneo, ou simplesmente colérico serem considerados mais aptos para a atividade missionária, nos Catálogos. Com efeito, os indivíduos cuja complexão é colérica seriam dotados de ímpeto, capacidade de comunicação e inteligência necessários para empreender ações num campo social e natural difícil e novo. Diversamente, na organização da Companhia, os indivíduos fleumáticos são destinados aos ofícios domésticos; os melancólicos trabalham nos colégios como professores e desenvolvem atividades intelectuais. Dos coléricos também faz menção o Padre Geral Cláudio Acquaviva<sup>19</sup>: ao realizar o exame de consciência, cada jesuíta deve ser capaz de descobrir seus “diferentes movimentos interiores”: se for tímido, colérico etc. E identificar “qual é a paixão que mais o afeta e o aflige: se for colérico, qualquer coisa mínima o perturba; etc..”. (ms. 429, folha 34, trad. nossa).

## Temperamentos e Traços psicológicos

No Catálogo de 1614 de Diego de Torres Bollo, evidencia-se a associação frequente entre temperamentos e específicos estados psicológicos, algo que foge, de certo modo, da norma da *Formula scribendi*. Por exemplo, os excessos de melancolia ou de cólera se apresentam juntos com traços psicológicos como “o ser apreensivo”, ou o “ser escrupuloso”. Desse modo, parece que Torres Bollo complemente e detalhe a descrição do perfil de cada jesuíta com observações próprias, acerca do comportamento do indivíduo em questão.

O adjetivo “apreensivo” é frequentemente associado aos temperamentos melancólicos e coléricos e recorrem estas formulações: “melancólico e algo apreensivo”; “é

---

<sup>19</sup> Em *Instructio as reddendam rationem conscientiae iuxta morem Societatis Iesu* (manuscrito n. 429, da Opera Nostrorum, ARSI, folhas 33-42) que instituiu como “*perpetua praxe Societatis*”, a prática do exame de consciência para o autoconhecimento e o cuidado de si mesmo. (*Institutum*, 1893, II, 257).

melancólico e colérico e apreensivo”, “colérico melancólico e apreensivo”; “colérico e algo apreensivo”; “melancólico e apreensivo”; “algo colérico e apreensivo”.

O termo “apreensivo”, na língua espanhola, denota “pessoa que sente apreensão ou medo infundado ou excessivo de dano ou doença”; “que tem medo de possível dano ou desconforto”. Quando “o indivíduo é tão apreensivo que anda sempre de médico em médico”<sup>20</sup>, o termo se torna sinónimo de hipocondríaco. O estudo de Vega (2019) cita um caso diretamente relacionado à situação dos missionários jesuítas nas Reduções: padre Alejandro Vil-lavieja do Colégio de Assunção, “denunciado por ser veemente, apreensivo, imprudente, indecoroso y nocivamente caluniador (ao longo de um período de doze anos)”. O padre foi repreendido, castigado com a proibição de ministrar os sacramentos e submetido ao controle do pároco local. Desse modo, o traço psíquico de “apreensivo” pode representar um elemento de dificuldade na prática missionária, ainda mais se for associado a outras características e condutas repreensíveis.

Quanto ao indivíduo “escrupuloso”, este tema tem amplo espaço nos Exercícios espirituais inacianos (Loyola, 1999, 75). Nas “Notas que ajudam a discernir e compreender os escrúpulos e as insinuações do nosso inimigo”, o artigo 346 – Primeira [nota] define “escrúpulo o que provem do nosso próprio juízo e liberdade, a saber: quando eu livremente imagino que é pecado aquilo que não é pecado”. Inácio coloca um exemplo para ilustrar a experiência do escrúpulo e seus efeitos e distinguir entre juízo errôneo e escrúpulo: “Assim acontece que alguém, depois de ter pisado casualmente uma cruz de palha, imagina, por seu próprio juízo, que pecou; isto é propriamente um juízo errôneo e não propriamente um escrúpulo”. Todavia, continua a segunda [nota] (n. 347), se “depois de ter pisado aquela cruz, ou depois de ter pensado ou dito ou feito qualquer outra coisa, vem-me de fora um pensamento de que pequei e, por outro lado, parece-me a mim que não pequei. Contudo sinto nisto perturbação, a saber, enquanto por um lado duvido e por outro não duvido. Isto é que é propriamente um escrúpulo e uma tentação que o inimigo me sugere”. Uma vez definido o que é escrúpulo, Inácio assinala que esse pode ter uma função positiva quando o sujeito “se dá a exercícios espirituais” ([32,351], 348 – Terceira nota), pelos quais ele pode “purificar e limpar sua alma, separando-a muito de toda a aparência de pecado”.

O escrúpulo assume função negativa, ou positiva, a depender do estado psíquico da pessoa. Sobre este estado pode agir o poder demoníaco, conforme a quarta nota (349):

O inimigo observa muito se a alma é grosseira ou delicada. Se é delicada, procura torná-la ainda mais delicada, até ao extremo, para mais a perturbar e arruinar; por exemplo, se vê que uma alma não consente em pecado mortal nem venial nem sequer em aparência de pecado deliberado, então o inimigo, quando vê que não a pode fazer cair em coisa que pareça pecado, procura fazê-la imaginar pecado onde não há pecado, como, por exemplo, numa palavra ou pensamento sem importância. Se a alma é grosseira, o inimigo procura engrossá-la mais, por exemplo: se antes não fazia caso

---

<sup>20</sup> “[*persona*] que siente aprensión o miedo infundado o excesivo a sufrir daños, o enfermedades”; “que sente temor ante un posible dano ou molestia. Ex: É moi aprehensivo, sempre está queixándose de enfermidades. que ten tendencia a sentir aprensión [*persona*]. É tan aprehensivo que anda sempre de médico en médico. (Real Academia Española y Asociación de Academias de la Lengua Española: *Diccionario panhispánico de dudas (DPD)* [en línea], <https://www.rae.es/dpd/aprehensivo>, 2.ª edición (versión provisional). [Consulta: 15/02/2024].

dos pecados veniais, procurará que faça pouco dos mortais, e se algum caso fazia antes, procurará que muito menos ou nenhum faça agora.

Por isto, Inácio apela ao discernimento e à recusa dos excessos (350) “se o inimigo procura afiná-la, para a levar ao excesso, a alma procure consolidar-se no meio termo, para totalmente se tranquilizar” (n. 350). Além disso, os escrúpulos são superados pela decisão de permanecer firme na realização de ações inspiradas “em conformidade com a Igreja, e com as tradições dos nossos maiores, que sejam para glória de Deus”.

Nessa ótica, o Provincial precisa cuidar para impedir que, no âmbito sob sua responsabilidade, os escrúpulos dos seus subalternos impeçam a ação missionária e a tomada de decisões necessárias. Portanto, as anotações pessoais de Torres Bollo que na redação dos Catálogos complementam as categorias da *Formula scribendi* parecem ditadas pela preocupação prática de que os membros da nova Província em suas diferenças individuais e variedade de talentos, sejam adequados ao desafio ímpar de levar a cabo o ambicioso e inovador projeto das Reduções, em ambientes marcadamente hostis devido à oposição dos colonos espanhóis, à resistência das populações indígenas, às investidas dos Bandeirantes, à natureza e ao clima.

## Temperamento e Governo

Um dos pontos referentes ao corpo missionário da Companhia a que Torres Bollo parece dedicar especial atenção, é a questão do governo. A disposição para o governo depende, entre outros fatores, do temperamento: Torres Bollo ao descrever o perfil de Padre Valdivia observa que “para o governo o estorva ser muito melancólico, donde nasce alguma mudança e pusilanimidade no governo dos súditos”, estabelecendo então uma relação entre a intensa presença do humor melancólico e a inconstância e fraqueza no governo. De Padre Luís de Valdivia, Torres escreve que tem “muito bom engenho, bom juízo, prudência e experiencia. Bem doto, tem talento para todos os ministérios da Companhia”. Por exemplo, é “muito bom pregador e grande missionário junto aos índios e muito dedicado a eles, pois conhece uma língua muito bem e de outras duas tem rudimentos. É muito bom religioso” (fl. 20). No Catálogo primeiro, Luís de Valdivia (fl. 17), se encontra na Residência de Concepción. Natural de Granada, já tem 54 anos de idade e 34 anos de Companhia. O padre teve um papel muito importante na organização da guerra defensiva contra os bandeirantes, conforme Carta Anua de Torres Bollo, de 1612<sup>21</sup>. Inclusive, naquele mesmo período, Valdivia foi escolhido por Torres Bollo com aprovação do Padre Geral, para ocupar o cargo de Vice-Provincial, para substituí-lo no governo durante a longa viagem ao Paraguai. Possivelmente, o juízo que aparece no Catálogo segundo de 1614, é fruto da observação de alguns efeitos negativos da conduta de Valdivia nessa função.

Não apenas o excesso de melancolia, como também os excessos de cólera impedem a capacidade ao governo. Torres Bollo anota acerca de outros padres: “é colérico, e isso o impede um pouco ao governo” (Maciel de Lorenzana, fl.20); “é melancólico e muito colérico” e “maximamente com os súditos é colérico, enfada-se facilmente” (Juan Romero, fl. 20). Moderar os excessos é, portanto, a postura necessária, pois o excesso é fator de

---

<sup>21</sup> Carta enviada de Torres de Santiago do Chile onde se relaciona o que aconteceu na Província no ano de 1612, 15 de fevereiro a 10 de maio de 1612, (Lozano, 1754, 718).

desequilíbrio e até de doença, na perspectiva da medicina hipocrática. Assim como a enfermidade do corpo deve-se ao excesso nele de uma das qualidades que originam os quatro humores (calor, frio, secura, umidade), as da alma devem-se ao excesso do calor (da concupiscência ou da ira), ou da secura (da tristeza e do temor). Por isso, a moderação é um termo recorrente nas normas jesuíticas voltadas para a conservação da saúde psíquica e física dos religiosos, condição essencial para realizar sua missão no mundo. (*Institutum*, 1893 (Index Generalis), 730-731).

Portanto, no que diz respeito às qualidades exigidas pela função do governo, a capacidade de moderação que facilita o equilíbrio dos humores é associada à virtude da prudência, uma das categorias que comparecem nos *Catálogos* e que assume grande importância na literatura jesuítica como também na literatura da primeira Idade Moderna de modo geral, justamente pela retomada renascentista do ideal aristotélico da moderação e do equilíbrio. A prudência é enfatizada pelas *Constituições* como a virtude indispensável para quem exerça responsabilidades na Ordem<sup>22</sup> e saiba evitar os excessos.

O filósofo jesuíta Manuel de Góis, nos *Comentários Conimbricenses da Ética aristotélica*, dedica um inteiro capítulo à prudência (*Disputatio VIII*), considerada como a mais importante entre as virtudes morais, seja por ela pertencer ao entendimento, que é uma potência superior, seja por dirigir as demais virtudes. Góis retoma a definição aristotélica da prudência como “o hábito de praticar ações verdadeiras segundo o que é razoável acerca do que é o bem ou o mal para o homem” (Góis, 1957, 255)<sup>23</sup>. Ela é a virtude que ensina “o modo de bem viver” (Góis, 1957, 257), indicando o que deve ser evitado e o que deve ser procurado. A prudência pressupõe a boa inclinação da razão e da vontade, pois a primeira estabelece os fins aos quais o homem deve tender e a segunda move o intelecto na busca dos meios para realizá-los. A arte do bom governo proposta pelo escritor jesuíta Baltazar Gracián (1601-1658), relaciona a prudência ao bom conhecimento de si mesmo: faz parte da “arte da prudência” o conhecimento de suas qualidades e talentos e também de sua disposição humoral: “uma boa lição de prudência é refletir sobre si mesmo e conhecer sua verdadeira disposição, de modo a prevenir-se. (...). Conhecer-se é o primeiro passo para corrigir-se”. Como os afetos variam segundo os humores, “eternamente arrastados por esse desequilíbrio vulgar, comportam-se de forma contraditória. Esses excessos não só corrompem a vontade, mas prejudicam o julgamento e a compreensão” (Gracián, 1647/2003, 61).

A prudência é o grande antidoto contra a impaciência. No catálogo, Torres Bollo estabelece uma relação entre o excesso do humor cólera e a conduta impaciente, reprovável sobretudo no exercício do governo: “É colérico, algo impaciente em algumas ocasiões” (Luís de Leira, f. 20), “é algo colérico e melancólico, e impaciente no governo e assim pouco amado pelos súbditos” (Gaspar de Morros, fl. 20).

---

<sup>22</sup> “*Et quamvis doctrina valde ei necessaria sit, qui tam multis viris eruditus est praefuturus; magis tamen est necessaria prudentias et in rebus spiritualibus et internis exercitatio ad varios spiritus discernendos, ad consilium ac remedium tam multis, qui necessitatibus spiritualibus laborabunt, adhibendum.*” (In *Generali magis necessaria quam doctrina*: Const. cap. 2: *Qualius esse debeat praepositus generalis*, p. 129, vol. II *Institutum*).

<sup>23</sup> O texto original em latim de 1593 é Góis, *Commentarii Collegii Conimbricensis Societatis Iesu, in Libros Aristotelis qui Etica Nicomaci appellantur*. Lisboa: Simão Lopes.

## Os fleumáticos

No Catálogo, Torres Bollo descreve dois sujeitos que apresentam temperamento fleumático. No conjunto das características de cada indivíduo, o excesso da fleuma desempenha papéis diferentes.

No caso de Padre Diego Gonzalez (fl. 12 e fl. 20) nativo de Cáceres na Estremadura, de 62 anos, se diz que “é de complexão fleumática”, talvez devido à idade sendo que o humor da fleuma é presente em maior quantidade nos corpos dos idosos, e que “tem bom engenho e bom juízo, prudência e experiencia das coisas” e possui “talento muito bom para todos os ministérios da Companhia”, dentre os quais a pregação. E sobretudo é “grande missionário junto aos índios e notavelmente dedicado a eles”, sabendo três línguas deles. Com efeito, Lozano (1754, 718) informa que quando Diego de Torres partiu de Lima no mês de junho de 1607 junto com parte de seus companheiros para irem por terra até Potosí e depois entrar por essa via na província de Tucumán, deixaram em Lima Diego Gonzalez “para terminar a impressão da Arte, y Vocabulário da língua Quíchua, que ele tinha em mãos”. Dele se diz enfim que é “homem muito espiritual”. Comparecem no seu perfil, três linhas de difícil interpretação: “é algo descuidado no governo espiritual dos nossos” e, pelo contrário, “no temporal algo mais cuidado do necessário e nos traços e modos, com pouco acerto”. Em suma, no caso de Padre Diego Gonzalez, a prevalência do humor da fleuma não acarreta os efeitos tradicionalmente a ele associados: segundo o médico filósofo Marsilio Ficino (1995), “a fleuma enfraquece e sufoca o engenho”; e posteriormente o jesuíta Danielo Bartoli irá escrever que “a fleuma causa estupidez e quase letargia sonolenta” (Bartoli, 1965, 327, trad. nossa).

Outro fleumático retratado no Catálogo é Padre Mateus de Montes (fls.14v e 20) que reside no Chile no Colégio de San Miguel, tem 47 anos e idade e forças medianas. Missionário junto aos espanhóis, pregador e leitor de latim, seu perfil psicossomático parece configurar-se mais na tipologia do fleumático segundo o padrão estabelecido pela medicina hipocrático-galênica: é moderado quanto à engenho, juízo, experiencia das coisas e prudência e possui “moderado talento para pregar e para confessar”. Além disso, sua conduta demonstra “menos recato de que convém”, mas se empenha em aprender a língua e vai “melhorando-se em seu espírito”.

Esses são os únicos dois fleumáticos descritos no Catálogo, contra a grande prevalência dos coléricos.

## A “boa condição” temperamental como parte de duas biografias exemplares

No Catálogo, uma quantidade razoável de jesuítas, bem vinte e cinco, é rotulada por Torres Bollo como de “boa condição”, ou “bem condicionados”, a significar que eles teriam uma constituição temperada onde a presença dos quatro humores é equilibrada e prevalece o sangue. Dentre eles, destacam-se dois grandes atores da história missionária platina: padre Antônio Ruíz de Montoya e Roque Gonzalez.

Padre Antônio Ruiz de Montoya (12v, n.4 e 21v), dotado de “boa condição”, dispõe de “bom engenho, juízo e prudência”, “talento para os ministérios da Companhia e especialmente de superior”, é “muito bom obreiro dos índios e muito bom religioso”. Nativo de Lima (1585), em 1614 se encontra no Colégio de Asunción, tem 24 anos de idade e boas forças.

Filho de pai espanhol e de mãe peruana, aos cinco anos, Antônio ficara órfão de mãe, e aos oito anos, de pai. Foi então entregue a tutores, que o matricularam no Real Colégio San Martín em Lima, fundado pelos jesuítas naquela cidade. Permaneceu no colégio até os quinze anos, quando abandonou os estudos e passou a viver uma vida aventureira: por correr risco de ser preso, desterrado ou morto, pediu permissão ao Vice-Rei do Peru para seguir ao Chile e participar de uma expedição contra os Araucanos, um grupo indígena considerado indomável. Em 1605, decidiu retornar aos estudos e fazer os exercícios espirituais inacianos; entrando na Ordem de Santo Ignácio, aos 22 de novembro de 1606. No Colégio Mayor de San Pablo em Lima, terminou os estudos de Idiomas, Gramática, Dialética, Lógica e Retórica e foi admitido, em seguida, para o noviciado (Rouillon Arrospide, 1997, 29; 5; 57; Rabuske, 1985, 47). Acompanhou a expedição de Diego de Torres Bollo em direção ao Chile e enfim para Córdoba de Tucumán, onde deu prosseguimento aos estudos em Letras Clássicas e Humanidades. Por exigência de Torres Bollo, Montoya apressou o término de seus estudos para após a ordenação seguir para Asunción e dedicar-se a aprender o idioma guarani na espera de entrar nas reduções do Guairá, recentemente fundadas.

Montoya se tornou um dos grandes protagonistas da história missionária da Província: presente na região do Guairá desde 1612, passou a auxiliar os seus companheiros nos cuidados espirituais dos guaranis e de 1615 até 1622 e se dedicou à construção da igreja da redução de Nuestra Señora de Loreto. Ao mesmo tempo, seguindo o exemplo dos primeiros jesuítas na Província, realizou missões volantes buscando contato com os caciques da região. Desse modo, conseguiu ligar-se a diferentes grupos de indígenas, o que lhe deu a possibilidade de observar as distinções existentes entre cada grupo contatado e captar seus traços culturais, hábitos, formas de estabelecimento das relações sociais, relatados depois nos seus escritos, de maneira minuciosa e condensados, especialmente no tratado *Conquista espiritual hecha por los religiosos de la Compañía de Jesus, en las Provincias del Paraguay, Parana, Uruguay y Tape* (1639). Montoya foi o principal responsável, entre os anos de 1622 até 1628, pela fundação de novas reduções. Entre os anos de 1628 e 1631, devido aos ataques das bandeiras dos paulistas, as reduções foram quase que completamente destruídas e um grande número de indígenas aprisionado e levado para o trabalho escravo nos engenhos de cana de açúcar. O envolvimento das autoridades coloniais, tanto espanholas quanto portuguesas, fez com que os jesuítas ficassem entregues junto aos seus índios, diante da violência dos paulistas e a solução foi abandonar o Guairá, para fugir dos bandeirantes. Montoya organizou então o plano de fuga, reunindo cerca de 12 mil indígenas. A transmigração ocorreu em 1631, pelo rio Paranapanema, descendo o rio Paraná até às Sete Quedas; de lá o grupo seguiu o trajeto a pé até o território situado entre o rio Paraná e o rio Uruguai. Em 1636, Montoya foi nomeado Superior de todas as Missões e diante da iminência de um novo ataque por parte dos bandeirantes, organizou a fuga dos indígenas para a região do Paraná e Uruguai.

Na tentativa de resolver o problema definitivamente, após a Sexta Congregação Provincial, Ruiz de Montoya e Francisco Díaz Taño foram para Madri e Roma, respectivamente, para denunciarem os crimes cometidos pelos bandeirantes e a conivência das autoridades coloniais, e propondo o armamento de um exército indígena (Furlong, 1962, 125). Durante essa estadia na Corte na espera das resoluções do Conselho das Índias, Montoya escreveu a *Conquista espiritual* e imprimiu três livros dedicados à língua indígena: *Tesoro de la lengua guarani*, *Arte*, y *vocabulario de la lengua guarani* e *Catecismo de la lengua guarani*. Retornou ao Vice-Reinado do Peru (1643), com as Cédulas Reais de aprovação do armamento indígena. No último período de sua vida, o missionário dedicou parte de seu tempo aos

cuidados espirituais dos escravos negros e ao ensino da língua guarani na Universidad San Martín. Antes de sua morte, em 1652, ainda escreveria o manuscrito *Sílex de el Divino Amor y Rapto activo de el Aníma, en la Memoria, Entendimiento y Voluntad que se emprende el Divino fuego mediante un acto de Fé* onde reporta os ensinamentos místicos que recebeu do índio guarani Ignacio Piraycí (Ruiz de Montoya, 1991; Medeiros Rodrigues & Rodrigues de Moura., 2012, 105-133). Deixou outro livro manuscrito: *Apología en defensa de la doctrina Cristiana*.

Sem dúvida, na atuação quase lendária de Antônio Ruiz de Montoya, a “boa condição” de sua complexão deve ter-lhe possibilitado a dedicação e a energia para desenvolver todas as etapas dessa sua rica e multifacetada biografia aqui brevemente sintetizadas e sobre a qual tem se debruçado muitos pesquisadores.

Outra personagem exemplar que também é rotulada por Torres Bollo como de “boa condição”, é Padre Roque Gonzalez de Santa Cruz (fl. 22 e fl. 12 v, n. 7). No momento da redação do Catálogo, aos 38 anos de idade, reside junto ao Colégio de Asunción após sete anos de vida na Companhia. Possui complexão “temperada” e aparenta qualidades, como “engenho razoável, juízo bom como também prudência e experiencia das coisas”. Torres Bollo o descreve como “grande missionário junto aos índios e bom religioso”, apesar de “algo escrupuloso”. Suas capacidades missionárias se evidenciam logo: em 22 de novembro de 1619, padre Pedro Romero escreve ao Provincial Pedro de Onãte enaltecendo o fato de que novas portas se abriram na pregação aos indígenas “na medida que aquelas gentes vão conhecendo padre Roque Gonzalez e todos os caciques vem a dar-lhe as boas vindas e a dizer que se alegram pela sua vinda”; e o apelida de “Capitão valoroso” (Leonhardt, 1929, 220).

A biografia desse jesuíta tem sido objeto de muitos estudos e narrativas (Nunes, 2021; Teschauer, 1928; Blanco, 1929; Jaeger, 1940). A morte trágica junto aos outros dois companheiros, martirizados por um grupo de nativos em Caibaté aos 15 de novembro de 1628 é objeto de narrativas e iconografias. Assim como Montoya, Roque nascera no território latino-americano, em Asunción, aos 16 de agosto de 1576, fora ordenado sacerdote antes de entrar na Companhia para onde foi atraído pelo desejo de dedicar-se à evangelização dos indígenas. Entrado na Ordem aos 9 de maio de 1609, participou na fundação de várias reduções, junto aos povos guaicurus e aos guaranis, percorrendo incansavelmente, junto com seus companheiros de missão, vários territórios da região missioneira: desde as proximidades do rio Paraguai perto de Asunción, as margens direitas e esquerdas do rio Paraná, até aos territórios ao sul do atual Mato Grosso do Sul, oeste de Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, chegando até o leste do rio Uruguay. A constante peregrinação missionária e a obra de fundação de reduções de Roque Gonzalez foram interrompidas pela morte violenta na localidade de Caaró, nas margens do rio Uruguay.

A intensa e audaciosa atividade missionária acompanhada por deslocamentos contínuos e desgastantes também do ponto de vista físico e o grande empenho quanto ao estabelecimento de contatos e trocas com diferentes populações de nativos, exigiam de fato aquele equilíbrio psicossomático que Torres Bollo rotulara nele como “boa condição”.

## Conclusões

Na redação do Catálogo de 1614, o autor, Diego de Torres Bollo, movido pelo intenso envolvimento no projeto missionário da Companhia de Jesus na América Latina, demonstra

a preocupação em cuidar do “corpo” da Companhia da nova Província do Paraguai num momento tão decisivo qual o processo de sua constituição. Possivelmente deva-se a essa circunstância a atenção por ele demonstrada ao retratar o perfil de cada um dos missionários e a combinar características pessoais, talentos, ofícios às exigências daquele específico e árduo contexto missionário.

No que diz respeito à descrição dos temperamentos e das qualidades pessoais objeto do Catálogo Segundo, viu-se que a grande maioria dos missionários da região Platina é rotulada como colérica, assim como eram coléricas figuras significativas da epopeia missionária da Antiga Companhia de Jesus, dentre elas, Inácio e Francisco Xavier.

O Catálogo é um exemplo da importância que assume na Companhia o cuidado com o equilíbrio do corpo social e espiritual de seus membros e da atenção à complexão, ou seja, a constituição psicossomática de cada indivíduo. Trata-se da visão da pessoa como unidade psicossomática presente na Companhia, desde suas origens. No *Diário Espiritual*, onde Inácio de Loyola narra as experiências místicas que lhe aconteceram durante a escrita das Constituições da Ordem, encontra-se um relato da vivência corporal na contemplação da Santíssima Trindade: “Nesse momento e depois, com grande efusão de lágrimas, moções e soluções interiores, me parecia que as veias ou partes do corpo repercutiam como que sensivelmente” (Loyola, 1996, p. 33). Na biografia de Loyola redigida por Valtrino (1591-1593), aluno do Colégio Romano, o fundador é descrito como sujeito de grande força física e “boa disposição” corporal (1964, 339).

Em suma, o Catálogo de Torres Bollo, assim como de modo geral os catálogos trienais, não são simples registros formais e normatizados, mas respondem à exigência de que a Companhia de Jesus, presente nos mais diversos contextos de vida e de missão, seja um ‘corpo’ vivo e saudável, nos níveis espiritual, psíquico e somático; e como tal seja capaz de responder aos desafios advindos dos ambientes em que se fazem presentes. E, sem dúvida, o projeto reducional que Diego de Torres Bollo idealizara e empreendera na região platina, exigia uma acentuada capacidade de atuação e de acomodação.

## Referências Bibliográficas

- Aristóteles (1994). *Ética Nicomachea*. Tradução italiana com texto grego. Organizado por: C. Mazzarelli. Milano: Rusconi.
- Bartoli SJ, D. (1965). Dell’uomo di lettere difeso ed emendato (1645). Raimondi, E. (1960), *Trattatisti e narratori del Seicento. La Letteratura Italiana*, vol. 36. Milano-Napoli: Ricciardi, 323-324.
- Blanco SJ, J. M. (1929). *Historia Documentada de la vida y gloriosa muerte de los padres Roque González de Santa Cruz, Alonso Rodríguez y Juan del Castillo de la Compañía de Jesús, Mártires del Caaró e Yjuhí*. Buenos Aires: Sebastián de Amorrortu.
- Blecua, J. M. C., (1991) Del gentilombre mundano al caballero “a lo divino”: los ideales caballerescos de Ignacio de Loyola. Plazaona, J., *Ignacio de Loyola y su tiempo*. (129-159). Congreso Internacional de Historia. Bilbao: Universidad de Deusto.

- Calveras SJ, J. (1958). *Ejercicios espirituales. Directorio y documentos de S. Ignacio de Loyola*, 2 edición. Barcelona: Balmes.
- Diccionario panhispánico de dudas (DPD)* [en línea], <https://www.rae.es/dpd/aprehensivo>, 2.ª edición. (versión provisional). Real academia española y asociación de academias de la lengua española [Consulta: 15/02/2024].
- Ficino, M. (1995) [1548]. *De le tre vite cioé a qual guisa si possono le persone letterate mentenere in sanità. Per qual guisa si possa l'huomo prolungare la vita, con che arte, e mezzì, ci possiamo questa sana e lunghissima vita prolungare per via del cielo*. Milano: Rusconi.
- Furlong SJ, G. (1962). *Misiones y sus pueblos de Guaraníes*. Buenos Aires: Teorema.
- Galeno, C. (1607). *Quodnam temperamentum ad excellentiam ingenii et mentis perspicaciam magis idoneum sit*, Livro II, capítulo VIII, Quaestio III: pp. 685-691.
- García Mateo SJ, R. (1991). El mundo caballeresco en la vida de ignacio de loyola, *Archivum historicum Societatis Iesu*, Roma: Instituto Histórico S.I., 60, 5-27.
- Góis SJ, M. (1602) [1593]. *Commentarii Collegii Conimbricensis Societati Iesu, in tres Libros de Anima*, Venezia: Vincenzo Amadino.
- (1957) [1593]. *Disputas do Curso sobre os livros da Moral da Ética a Nicômaco, de Aristóteles em que se contêm alguns dos principais capítulos da Moral* (A B. Andrade, Trad.). Lisboa: Instituto de Alta Cultura.
- Gracián, B. (2003) [1647]. *A arte da prudência*. (D. Moscoso de Araújo, trad.) Rio de Janeiro: Sextante.
- Institutum Societatis Iesu*, (1893). vol. III, *Regulae, ratio studiorum, ordinationes, instructiones, Industriae, Exercitia, Directorium*. Florentiae: Ex Typographia a S.S. Conceptione,
- Jaeger, L.G. (1940). *Os heróis do Caaró e Pirapó*. Porto Alegre: Livraria do Globo.
- Klibansky, R.; Panofsky, E.; Saxl, F. (1983). *Saturno e la melanconia. Studi di storia della filosofia naturale, religione e arte*. Torino: Einaudi.
- Lemnio, L. (1564). *Della complessione del corpo humano Libri III, da quali a ciascuno sarà agevole di conoscere perfettamente la qualità del corpo suo, e i movimenti dell'animo e il modo di conservarli del tutto sani*. Veneza: Domenico Niccolino.
- Leonhardt SJ, C. (1927). *Cartas Anuas de la Provincia del Paraguay, Chile y Tucumán de la Compañía de Jesús. 1609-1614, Iglesia, Tomo XIX*. Buenos Aires: Jacobo Peuser.
- (1929). *Cartas Anuas de la Provincia del Paraguay, Chile y Tucumán de la Compañía de Jesús, 1615-1637. Iglesia, Tomo XX*. Buenos Aires: Jacobo Peuser.
- Loyola, I. (1982) *Exercicios espirituais*, em: Loyola, I., *Obras Completas*, n. 86, Madri, Bibliotecas Autores Cristianos. (Original de 1542).
- (1982). *Obras Completas*, n. 86, Madrid: Biblioteca Autores Católicos.

- (1996). *Diário espiritual*. Tradução e edição brasileira organizada por Armando Cardoso SJ. São Paulo: Edições Loyola.
- (1997). *Constituições da Companhia de Jesus*, ed. Brasileira, São Paulo, Editora Loyola.
- (1999). *Exercícios espirituais*. Tradução do autógrafo espanhol por *Vital Cordeiro Dias Pereira, S.J.* Organização e Notas por F. de Sales Baptista, S.J. 3ª edição. Braga: Livraria A.I.
- Lozano SJ, P. (1754-55) *Historia de la Companhia de Jesus de la Provincia del Paraguay*. Madrid: Manuel Fernandez. 2 volumes.
- Ruiz de Montoya, A. (1991). *Sílex de el Diuino Amor y Rapto activo de el Aníma, em la Memoria, Entendimiento y Voluntad quese emprende el Diuino fuego mediante vn acto de Fé, que es el fundamento de esta obra [1648c], introducción, transcripción y notas de J. L. Rouillon Arróspide*, Pontificia Universidad Católica del Perú – Fondo Editorial, Lima.
- (1997) [1639]. *Conquista espiritual feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas Províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape* (1639). 2ª ed. Brasileira. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor.
- Medeiros Rodrigues, F. & Gabriele Rodrigues de Moura, G. (2012). «Rastrear la primera causa». A doutrina mística do Sílex do Divino Amor, do criollo jesuíta Antonio Ruiz de Montoya. *Medievalia*. 31, 105-133.
- Nunes, J. A. (2021). A construção da imagem de Roque Gonzáles de Santa Cruz a partir do olhar de outros jesuítas: Carlos Teschauer e Luís Gonzaga Jaeger, século XX. *Semina - Revista dos Pós-Graduandos em História da UPF*, 20(1), 137 - 152, 2021. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/ph/article/view/11787>. Acesso em: 18 mar. 2024.
- Possevino SJ, A. (1606) *Societatis Iesu, Bibliotheca Selecta, Liber Primus, De Cultura Ingeniorum*, Coloniae: Apud Ioannem Gymnicum.
- Rabuske, A. (1985). *Pe. Antônio Ruiz de Montoya. Conquista espiritual feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape*. Primeira edição em língua portuguesa. Martins Livreiro Editor, Porto Alegre.
- Ribadaneyra SJ, P. (1964) [1610]. *Tractatus de ratione quam in gubernando tenebat Ignatius*. Em: *Ignatius Fontes Narrativae*. Primeiro volume, n. 1. Roma: Instituto Histórico Societatis Iesu.
- Rouillon Arróspide SJ, J. L. (1997). *Antonio Ruiz de Montoya y las Reducciones del Paraguay*. Asunción, Paraguay: Centro de Estudios Paraguayos “Antonio Guasch”-
- San Juan, J. H. (1989) [1575]. *Examen de Ingenios*. Edição moderna de G. Seres. Madrid: Cátedra.
- Soares, C. (1569). *De arte retorica. ex Aristotele, Cicerone et Quintiliano precipue deprompti, nunc ab eodem recogniti et multis in locis locupletis*. Roma: F. Zanettum.

- Storni SI, H. (1980). *Catálogo de los Jesuitas de la Provincia del Paraguay (Cuenca del Plata) 1585- 1768*. Roma: Institutum Historicum SI.
- Teixeira SJ, M. (1899). Liber de Vita Sancti Francisci Xaverii, em: *Monumenta Xaveriana*, Roma: Istituto Storico Compagnia di Gesù.
- Teschauer SJ, C. (1928). *Vida e Obras do venerável Roque Gonzales de Santa Cruz – Primeiro Apóstolo do Rio Grande do Sul*. 3 ed. Porto Alegre: Topographia do Centro.
- Vega, F. R. (2019). Las sanciones a las conductas reprensibles de misioneros en las reducciones jesuíticas de guaraníes (siglo XVIII): entre el control y la laxitud. *Red Sociales, Revista del Departamento de Ciencias Sociales*, 6(1), 57-79.